

CONFINAMENTO INDÍGENA: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE A QUESTÃO DAS TERRAS E SUAS CONSEQUÊNCIAS

DEJARD, Victor; FERREIRA, Diego.

RESUMO

O presente trabalho retrata através de uma perspectiva histórica acerca das condições precárias em que os indígenas sul-mato-grossenses se encontram nos dias de hoje. Após a Guerra do Paraguai, a região que era majoritariamente ocupada por indígenas, passou a ser explorada comercialmente pela Matte Laranjeira, que após anos de monopólio sobre essas terras perdeu forças para a colonização, que culminou num processo de encurralamento dos indígenas, abrindo espaço para o desmatamento e a criação de latifúndios. Com as terras em posse de poucas pessoas passaram a ser usadas especialmente para enriquecer os colonos, privando os indígenas de sua subsistência tradicional, uma vez que não há matas, pescas e nem caça. Assim sem alternativas os Guarani e os Kaiowá foram privados da maior parte de suas terras, gerando graves consequências, como o assombroso problema dos suicídios, que só poderão ser resolvidas quando houver maior atenção à questão da demarcação de terras.

PALAVRAS-CHAVE: Indígena; Suicídio; Demarcação.

INTRODUÇÃO

A história dos povos indígenas no Mato Grosso do Sul (MS), assim como em todo Brasil é marcada por lutas e condições desfavoráveis. No Mato Grosso do Sul que é o objeto de estudo deste trabalho, os povos indígenas sofreram durante sua história, um profundo processo de diminuição e perda das suas terras, tendo como consequência o confinamento dessas pessoas. Além desse encurralamento forçado, a população indígena vive de forma precária à mercê da sua própria sorte.

O processo de perda de terras fez com que os indígenas fossem mandados para outros lugares, áreas essas, totalmente descaracterizadas, sendo privados da sua subsistência tradicional, pois não existem mais, matas, pescas, caça e nem outros elementos naturais característicos de onde os índios tiravam somente o necessário da natureza para a sua sobrevivência. Com a subsistência tradicional prejudicada, “eles são forçados a buscar, em atividades externas, a alimentação para suas famílias, pouco se importando com as condições, com a remuneração e com os direitos que fazem jus pela prestação de serviços” (PAULETTI et al., 2000, p. 45).

Para entendermos a luta, o sofrimento e a realidade da população indígena no Mato Grosso do Sul temos que direcionar o nosso foco para a questão das terras indígenas, discernindo a sua importância e as causas da pobreza, violência e

suicídios dentro das aldeias, para tal questão precisamos olhar para trás e seguir uma linha histórica, apresentando os pontos com maior relevância, para assim entendermos a situação atual nas aldeias de Mato Grosso do Sul.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de estudo exploratório com revisão bibliográfica a respeito da questão indígena no Mato Grosso do Sul, buscando proporcionar maior familiaridade com alguns dos problemas de maior relevância encontrados dentro das aldeias.

DISCUSSÕES

O sul do Estado do Mato Grosso permaneceu pouco povoado até a Guerra do Paraguai. Durante a guerra, muitos soldados paraguaios e brasileiros percorreram pela região do atual Mato Grosso do Sul e conseguiram enxergar o grande potencial dessas terras. Com o fim da Guerra do Paraguai, a notícia se espalhou rapidamente e iniciou-se assim, um intenso processo de migração regional para essa área. Ao fim da guerra, grande parte dos combatentes, especialmente os paraguaios continuaram por estas terras e se empregaram como mão-de-obra na Cia. Matte Laranjeiras, também retornaram os pecuaristas que haviam fugido do território durante o conflito.

A Cia. Mate Laranjeira foi o “começo do fim” na vida dos indígenas do nosso estado, com anos de monopólio na exploração da erva-mate, aumentando sua riqueza durante anos, sendo responsável pela fundação de cidades, além da exploração, também teve o domínio sobre as terras arrendadas, não permitindo que estranhos se instalassem naquelas terras sem a aprovação da companhia.

Durante a Segunda Guerra Mundial a Argentina estabeleceu reduções à erva-mate brasileira gerando dificuldades para a indústria ervateira de Laranjeira. Getúlio Vargas assume o governo nos anos 30 mudando a mentalidade no que diz respeito essa região e anulando a concessão da Cia. Matte Laranjeira iniciando o fim de um notável monopólio. O domínio da Companhia mantém-se até 1943.

Segundo Brand (2000), com o fim do domínio da Companhia Mate Laranjeira, surgem novos negócios na região, atividades essas que tiveram um enorme impacto negativo na vida dos indígenas dessa região até os dias atuais: a derrubada das matas fechadas para a criação de fazendas.

Essas atividades geraram um enorme processo de dispersão das aldeias e o desmantelamento das grandes famílias que ali viviam. Apesar do grande impacto que a Companhia Mate Laranjeira teve na vida dos indígenas, afetando todo um sistema social e tradicional dos índios daquela região, conseguiu impedir que a população não indígena que chegavam progressivamente na região, se aproximasse dessas terras.

O Serviço de Proteção aos Índios, o SPI, foi criado pelo decreto nº 8.072, de 20 de junho de 1910. Tinha como função, proteger e pacificar grupos indígenas em

áreas recentes de colonização e também criou oito reservas no início do século passado com a finalidade de aldear os Guarani e Kaiowá.

Algo importante de se destacar sobre a criação das reservas ao sul do Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, é que esse processo gerou muitos conflitos já que o SPI não tinha cuidados com o bem estar social e tradicional dos indígenas durante o processo de confinamento, eles estavam mais preocupados em gerar espaços vazios para o desmatamento e a criação de fazendas. Pauletti et al., (2000), explana que esse processo de expulsão dos indígenas dos seus territórios sagrados, resultou na perda de seus tekohas, o que gerou muitos conflitos internos de autoridade em meio a famílias extensas, adicionando isso ao forte controle do Serviço de Proteção aos Índios dentro das aldeias que resultou em várias situações graves de violência dentro das reservas.

Esse método danoso encurralou os povos Guarani e Kaiowá. Eles foram escorraçados de suas terras, terras essas sagradas, associadas ao seu modo de ser e viver. Com o crescimento da presença estatal, tentaram transformá-los em mão-de-obra para trabalhar para os mesmos colonos que os expulsaram e se apossaram dos seus territórios. Como relata URT (2015), os índios que viviam nas reservas eram obrigados a trabalhar para fornecer sustento para o posto do SPI. Sim, o Serviço de Proteção aos Índios, o órgão que deveria ajudar a trazer pelo menos, o mínimo de proteção e dignidade aos indígenas, negociava com os próprios colonos para que os índios trabalhassem nos ervais e nas fazendas.

As políticas desenvolvimentistas estabelecidas pelos governos locais e federais nunca favoreceram a presença dos indígenas, que são de fato os donos legítimos desse território. Por outro lado vimos que essas terras serviram e servem para enriquecer, colonos, pecuaristas e donos de usinas de açúcar e álcool.

Milhares de índios perderam a vida em massacres, suas fontes de sobrevivência foram destruídas, perderam terras e hoje vivem com apenas 1% (um por cento) delas, com a povoação de todo esse território por colonos, fazendeiros e usineiros. Muitos indígenas foram enganados com promessas, que encontrariam vida melhor dentro das reservas. Como afirma Pauletti et al., (2000), com tudo isso foram criadas dependências mortais com projetos, com o trator, os remédios químicos, as cestas básicas, novas crenças, o álcool e outros, vícios esses que atingiram fortemente a vida dos Guarani e Kaiowá. O Estado Brasileiro, através de interesses e políticas desenvolvimentistas, junto com a ganância de alguns privilegiados, combateram, perseguiram e por fim esqueceram-se dos indígenas.

Pauletti et al., (2000) reitera que, graças a tradição oral passada dos mais velhos para os mais jovens, faz com que os mais novos entendam sua situação atual, eles se interessam, perguntam e procuram entender todo esse movimento no qual se encontram inseridos, buscando encontrar novas possibilidades para melhorar esse cenário.

A mais assustadora consequência para os Guarani e Kaiowá até hoje é a questão do suicídio. Um dos principais motivos para essa questão é o cruel encurralamento ao qual foram submetidos ao longo da história.

O encurralamento que os indígenas foram submetidos não se trata apenas de diminuição de espaço, esse isolamento trouxe diversas mudanças que se tornaram prejudiciais ao modo de viver do povo indígena. As consequências que esse confinamento trouxe podem ser listadas através de diversos aspectos, como a violação de direitos humanos e a superlotação populacional dentro das reservas que por si só já são áreas completamente reduzidas. Mudanças socioculturais com base na violência, através das tentativas de doutrinação por parte de agentes do SPI e da intolerância de missionários religiosos. Outro detalhe que atingiu intensamente os indígenas foram os vícios mortais como a propagação de álcool e drogas ilícitas dentro das reservas. Aliado a tudo isso, ainda temos a falta de terra, perda de identidade cultural, pobreza extrema e falta de perspectivas como alguns dos fatores que contribuem para os suicídios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos que a demarcação das terras indígenas se tornou saída encontrada para vencer os confinamentos e com o resultado disso, diminuir os casos de suicídios dentro das aldeias do Mato Grosso do Sul. A retomada das terras pode ser considerada como a reconquista do modo de ser e viver.

Como explica Pauletti et al., (2000), nos locais onde ocorreram as retomadas foi observado que os casos de suicídios foram eliminados e onde os suicídios continuam ocorrendo é exatamente nas áreas superpovoadas onde o encurralamento dos indígenas chegou ao seu limite. Não existe outro caminho a percorrer, a solução encontrada pelos Guarani e Kaiowá é a de retorno as suas terras tradicionais, através de muita resistência e luta. Esperar pelo governo federal ou local é aceitar a possibilidade do suicídio se tornar uma epidemia nas reservas indígenas.

Os indígenas estão sendo engolidos pelas indústrias, pela soja e pela cana, sofrem com o preconceito, amargam a imposição de costumes e valores, convivem com a violência, massacres e com os vícios. Tudo o que os indígenas querem é igualdade e que sua diferença seja respeitada, para isso, anseiam retornar para suas terras tradicionais, pois é no tekoha que o Kaiowá e Guarani podem ser felizes.

REFERÊNCIAS

BRAND, Antônio. Os Kaiowá/Guarani no Mato Grosso do Sul e o processo de confinamento: a entrada de nossos contrários. In: CIMI - CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO REGIONAL MATO GROSSO DO SUL (ed.). Conflitos de direitos

sobre as terras guarani e kaiowá no Estado do Mato Grosso do Sul. São Paulo: Palas Athena, 2000. p. 93–134.

CONSEA [Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional]. Tekoha: direito dos Povos Guarani e Kaiowá: visita do Consea ao Mato Grosso do Sul. Brasília: Presidência da República, 2017.

CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO – CIMI. As violências contra os povos indígenas em Mato Grosso do Sul e as resistências do bem viver por uma terra sem males (dados 2003-2010). Mato Grosso do Sul: CIMI, 2011.

OLIVEIRA, Jorge Eremites de. O suicídio entre os Kaiowá e Guarani em Mato Grosso do Sul. 2011. Disponível em: <<https://www.campograndenews.com.br/artigos/o-suicidio-entre-os-kaiowa-e-guarani-em-mato-grosso-do-sul>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

PAULETTI, Maucir et al. Povo Guarani e Kaiowá: uma história de luta pela terra no Estado de Mato Grosso do Sul. In: CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO REGIONAL MATO GROSSO DO SUL (org.) et al. Conflito de direitos sobre as terras Guarani Kaiowá no estado do Mato Grosso do Sul. São Paulo: Palas Atenas, 2000.

URT, João Nackle. ASSUNTOS INACABADOS: RELAÇÕES INTERNACIONAIS E A COLONIZAÇÃO DOS POVOS GUARANI E KAIOWÁ NO BRASIL CONTEMPORÂNEO. 2015. 296 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.